

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

PAISAGENS AFRICANAS: UMA NOVA ABORDAGEM SOBRE A O LIVRO XVII DA *GEOGRAFIA* DE ESTRABÃO

Alaide Matias Ribeiro

Mestranda em História, bolsista CAPES-DS, PPGH-UFRN

alaide.ribeiro.017@ufrn.edu.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir a viabilidade e as limitações da investigação do livro XVII da *Geografia* de Estrabão a partir da aplicação da categoria espacial paisagem. Para isso, utilizaremos a ideia proposta pelo antropólogo britânico Tim Ingold, para quem a paisagem tem relação direta com a experiência dos sujeitos no mundo-tempo, construída a partir da peregrinação dos sujeitos na terra. Propomos que Estrabão, sujeito grego que circula e registra um mundo marcado pela presença do Império Romano, apresenta em seu discurso uma série de paisagens que são produzidas a partir do seu percurso direto – em um movimento de autópsia – e indireto – a partir das obras dos geógrafos, historiadores e das experiências diretas de sujeitos de poder nesses espaços – no continente africano. Para esse fim, será realizada uma análise crítica do livro supracitado, mas, considerando ainda as passagens ao longo dos demais livros da *Geografia* que fazem referência, citam ou comentam esses espaços e todos os elementos, sejam humanos ou não, que os compõem. Esperamos contribuir tanto para com o avanço do estudo da *Geografia* de Estrabão no Brasil, como do estudo da África ou das ideias de África em uma temporalidade mais recuada.

Palavras-chaves: *Geografia* de Estrabão, África, Império Romano.

1. A *Geografia* de Estrabão

Primeiramente, algumas informações sobre o autor e obra.

De acordo com Dueck (2000, p. 2) Estrabão (nascido por volta de 64 a.C. e morto aproximadamente em 27 d.C.) foi um grego da Ásia Menor, proveniente da cidade de Amásia, antiga capital do Reino do Ponto mas que, em sua época, era parte da província romana da Bitínia e Ponto. Considera-se que descendia de uma família aristocrática com ligações tanto com a realeza do Ponto (SILVA, 2010, p. 73) como com a aristocracia romana. Foi educado segundo a instrução comum da elite grega, recebendo instrução em retórica, gramática e filosofia de sujeitos de renome também originários da Ásia Menor. Viajou e se estabeleceu em centros intelectuais como Rodes

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

e Alexandria. Esteve em Roma por quatro vezes (SILVA, 2010, p. 74). Conhecia sujeitos romanos de destaque e poder como o prefeito do Egito, Aélio Galo (26 – 24 a.C.), e o procônsul da África e Síria, Cneu Calpúrnio Pisão (44 a.C. – 20 d.C.).

A *Geografia*, sua segunda obra, é formada por dezessete livros e foi produzida no que podemos chamar de período-fronteira (FAVERSANI, 2013, p. 109) datado do final da República e no início do Império Romano, particularmente, sob os principados de Augusto e Tibério. A obra foi escrita em grego e compreende, além da discussão e correção das considerações dos geógrafos anteriores - a *epanorthosis*, segundo Roseman (2005, p. 30) e a *diorthose*, segundo Andreotti (2009, p. 139) -, uma descrição corográfica do mundo habitado e conhecido à época. É na introdução geral, ou seja, nos livros 1 e 2 da *Geografia* que Estrabão apresenta questões como para que serve, a quem se destina, quem produz e o que é uma geografia e quais os temas que o geógrafo deve ou não abordar. Dessa forma, a descrição corográfica de natureza histórica, segundo Andreotti (2009), inicia no livro 3 e finaliza no livro 17, abrangendo os territórios das três partes do mundo: a Europa (livro 3 ao 10), a Ásia (livro 11 ao 16) e a Líbia, esta última, compreendida como o norte da África (livro 17).

O livro 17, última parte da *Geografia* de foi dividida em três capítulos e compreende a descrição geográfica do Egito, da Etiópia e da Líbia. E, por ser o relato de um sujeito externo ao contexto descrito, isto é, um olhar estrangeiro, a construção do espaço e das identidades deve ser considerada como uma projeção do olhar grego de Estrabão em um contexto romano, mais do que uma realidade baseada nas concepções dos sujeitos que são o alvo de sua descrição. Eu argumento que isso não invalida a proficiência da fonte para o debate das noções tradicionais e correntes ao longo do Império Romano sobre esse espaço, tampouco a impossibilidade de fazer uma história da África antiga por meio de um olhar estrangeiro. Afinal, mesmo os estudos que focam suas análises a partir de vestígios materiais autóctones, a interpretação do historiador resultará apenas em uma das possíveis Áfricas que poderiam ou não ter existido em um contexto passado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

Assim, considerando também a validade das críticas que enfatizam que os discursos estrangeiros falam mais de seus autores e do sistema de referências culturais de que fazem parte, e na tentativa de ir além de uma possível “caricatura” do espaço “África “ou desses egípcios, etíopes e líbios (e percebendo que esta classificação já é uma generalização), proponho uma abordagem do tipo espacial, particularmente, a partir da aplicação da categoria paisagem proposta do antropólogo britânico Tim Ingold. Mas considero relevante fazer alguns apontamentos sobre a trajetória percorrida (com a *Geografia* de Estrabão) no âmbito da discussão do espaço.

2. Discutindo espaço e paisagem

2.1. Espaço

Empreender uma pesquisa em história privilegiando a discussão espacial significa abordar o tema considerando o espaço não só como o campo de atuação do homem inserido no tempo mas como um produto ou criação do homem em determinado contexto temporal e atmosférico. Dessa forma, na investigação que estou desenvolvendo, o espaço descrito é compreendido como uma criação do geógrafo grego no período-fronteira entre República e Império que extrapola esse mesmo período em razão de sua natureza histórica. A minha interpretação tem como ponto de partida que a descrição geográfica do orbe habitado produzido por Estrabão é uma construção do espaço que se efetiva por meio do discurso.

Para o geógrafo Yi Fu Tuan em *Espaço e Lugar. A perspectiva da Experiência* (1983) tanto o espaço como o lugar são compreendidos como elementos do meio ambiente percebidos a partir da experiência humana, da própria vivência dos sujeitos que implica no conhecimento e na construção da realidade. Em uma definição simples, enquanto “Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação.” (TUAN, 1983, p. 4), o espaço “é dado pela capacidade de mover-se. [...] pode ser experienciado de várias maneiras: como a localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares e, - mais abstratamente – como a área

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

definida por uma rede de lugares.” (TUAN, 1983, p. 14). Assim, na perspectiva do geógrafo ambos estão intrinsecamente relacionados e podem ser interpretados.

A partir das considerações de Tuan, consideramos que o papel do sujeito na criação do espaço é um princípio que pode ser aplicado para pensarmos a *Geografia* de Estrabão. Considere, por exemplo, a indicação de Dueck (2000, p. 18) para um elemento característico do autor-obra (e da geografia da época): a autópsia. Isto é, a viagem realizada pelo amasiano em alguns territórios do mundo que descreve como um dos elementos principais utilizados na construção do discurso geográfico. Isso significa que Estrabão se serviu de sua experiência direta nos territórios para construir o espaço, como pode ser observado na descrição do Egito. No entanto, para além da autópsia, é preciso considerar os termos por meio do qual essa construção discursiva se efetiva, a linguagem.

2.2. Categorias ou termos espaciais ou espacializantes

A escolha da terminologia deriva da análise e interpretação dos termos espaciais utilizados por Estrabão ao longo do livro 17. No caso, foi possível verificar que os principais termos que aparecem são: *τόπος* (traduzido como lugar ou região), *πόλις* (a cidade), *χώρας* (o espaço ou território) e *γῆ* (a terra mais no sentido do solo). Destes, um foi selecionado para indicar os espaços que se encontram delimitados mas, também, articulados, nessa África de Estrabão: o termo *khora*.

2.3. Khora - Território

A tradução do termo como território deriva tanto dos significados atribuídos por especialistas em dicionários da língua grega¹ como das considerações sobre o conceito de território de geógrafos contemporâneos, em especial, Rogério Haesbaert (2004, p.

¹ Para ilustrar a polissemia do termo, basta uma verificação em alguns dicionários grego-português, grego-inglês e a própria tradução francesa da fonte que será investigada. De acordo com a tradução francesa da *Geografia* de Estrabão (2014; 2015) o termo *χώρα* (*khora*) pode ser compreendido como país, território, solo, espaço, lugar e zona. Já no dicionário *A Greek-English Lexicon* (1996, p. 2015), o significado do termo em grego aparece como "espaço ou sala, lugar, posição, lugar de uma pessoa ou coisa, terra, território, estado, país". *O Manual introdutório ao Grego clássico para falantes de português* (2008, p. 445) define o termo como "espaço, extensão, país".

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

96) que propõe o território como multidimensional e multiescalar. A *khora* será compreendida como território ocupado por uma população, caracterizado pelos aspectos próprios aos indivíduos que o habitam e que constituem o mesmo, sendo delimitado por fronteiras, diferenciando-se de acordo com o espaço geográfico e identidades. Obtém-se, assim, no caso do livro 17 três territórios: Egito, Etiópia e Líbia.

2.4. Paisagem

Por fim, considero as contribuições de Tim Ingold sobre paisagem. A paisagem é compreendida como uma forma de habitar no mundo que possui temporalidade (INGOLD, 1997, p. 31). Tempo e paisagem são relacionados porque a vida humana é um processo que envolve a passagem do tempo e esse mesmo processo é o de formação de paisagens em que as pessoas têm vivido (INGOLD, 2000, p. 189). A paisagem é constituída como “um registro duradouro – e a testemunha – das vidas e do trabalho das gerações passadas que habitaram nele, e fazendo isso, deixaram algo de si mesmos.” (INGOLD, 2000, p. 189). E, assim, considerando a *Geografia* de Estrabão, sua construção do espaço e descrição dos povos, dos seus costumes, do seu passado, dos vestígios materiais e de sua relação com o meio ambiente, seja na referência ao cultivo da terra ou pela flora e fauna, acredito que a perspectiva de paisagem de Ingold pode ser utilizada para discutir a construção não de uma única paisagem do norte da África mas de várias paisagens egípcias, etíopes e líbias.

É importante notar que essa compreensão da paisagem está voltada para a percepção do homem que reside no meio. O que não obsta a construção de paisagens por sujeitos que não o habitam de longa data, como é o caso de Estrabão que “peregrinou” pelos territórios. A paisagem é como uma história e percebê-la é uma forma de se engajar com um ambiente impregnado com o passado (INGOLD, 2000, p. 189). A temporalidade está atrelada no padrão ou modelo das atividades relacionadas à habitação, conformando-se em uma *taskscape* ou paisagem-trabalho ou tarefa (a paisagem corporificada). A paisagem é como um todo qualitativo e heterogêneo (INGOLD, 2000, p. 190-191), “um modelo de atividades colapsadas em um arranjo de elementos relacionados” (INGOLD, 2000, p. 198), uma “forma congelada da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

tarefagem” (INGOLD, 2000, p. 199), uma espécie de quadro momentâneo no qual estariam inscritos os elementos da vida humana, sejam eles animados ou inanimados, que está em um movimento contínuo de construção.

Ingold propôs uma perspectiva mais atenta às relações que são estabelecidas entre o homem na e com a paisagem. Atualmente, o autor cunhou uma expressão que aglutinou a sua primeira definição: o mundo-tempo. Neste conceito, enfatiza-se o meio, considerado como a condição de possibilidade e constituição de pessoas e de paisagem, e o papel do tempo, isto é, da “atmosfera”, “o próprio temperamento do ser.” (INGOLD, 2015, p. 199). Assim, falar de paisagem é pensar na própria experiência dos sujeitos e das coisas que a constituem. Mas, a paisagem construída na experiência dos sujeitos com e no mundo-tempo, não pode ser considerada uma representação de um real ontológico, estático e imutável.

Argumentamos que é possível verificar que os territórios e suas paisagens foram articuladas em uma perspectiva de um mundo habitado e integrado ao Mediterrâneo, haja vista a malha de processos, a interação de sujeitos e de tempos diversos identificados nas e entre as paisagens. Mas, considerando a natureza histórica do discurso e o cerne de seu conteúdo, isto é, a descrição geográfica, como identificar essas paisagens? A identificação será possível a partir da consideração de determinados elementos que vão permear esses mundos-tempos ao longo do percurso do geógrafo no norte da África, são eles:

- A. Aspectos geográficos (hidrografia – clima – topografia – flora – fauna)
- B. Povos (egípcios – etíopes – líbios – outros)
- C. Aspectos socioeconômicos (administração – víveres – costumes)
- D. Espaços (cidades – aldeias – oásis – ilhas – portos – cemitérios – templos)
- E. Fontes (gregas – helenísticas – romanas)
- F. Filosofia (estoicismo – aristotelismo – platonismo)
- G. Unidades de medidas e distâncias (estádios – côvados – schoenes – dias)
- H. Imperialismo Romano (administração – economia – Roma)

Aqui, essas temáticas recorrentes são pensadas como uma espécie de guia, permitindo identificar os aspectos diversos que constituem as paisagens africanas. E, para finalizar esta exposição, tomemos o caso das paisagens etíopes.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

3. Paisagens etíopes

Os etíopes são apresentados já no primeiro capítulo como um dos povos que habitam no vale do Nilo e nos desertos ocidental e oriental. Menciona-se a região de Meroé, uma ilha cercada por dois cursos de água e uma cidade homônimas a setecentos estádios a montante do confluente do Astaboras e do Nilo. Inicialmente (17.1.2), meroítas, núbios, megábares e blêmios são apresentados como distintos dos etíopes, apesar de estarem em território etíope. Estrabão (17.1.3) enuncia que a Etiópia é atingida pela inundação do Nilo que não atravessa todo o seu território. Os etíopes têm um modo de vida nômade, poucos recursos em razão da pobreza do solo e do clima quente e estão distantes. É possível perceber que a construção do Egito e da Etiópia são paralelas e ambas possuem aspecto histórico, haja vista a informação de que Sesóstris percorreu toda a Etiópia até a Cinamomófora e o comentário sobre a origem do nome da cidade e ilha homônimas, que seria uma homenagem à irmã ou esposa de Cambises, Meroé (17.1.5).

Ao final do capítulo 1 (17.1.49) Filae é apresentada como uma aldeia localizada acima da pequena catarata, habitada por etíopes e egípcios, onde predomina santuários egípcios. Há um menção (17.1.53) à uma espécie da fauna etíope (um falcão) relacionada ao culto, tema que só será retomado no capítulo 2. Novamente, somos informados que:

O resto, ao sul, é ocupado pelos trogloditas, blêmios, núbios e megabares, que são etíopes que vivem rio acima de Siena: são povos nômades, poucos em número e pouco beligerantes, mesmo que os Antigos os considerassem tal porque muitas vezes sofreram atos indefesos de banditismo. Quanto aos etíopes que tocam o sul e Meroé, também são poucos e seu habitat é disperso, pois habitam uma zona de rio longa, estreita e tortuosa que já descrevemos; nem estão bem equipados para a guerra, nem para outras atividades da vida. (17.1.53)

Estrabão insere uma ideia compartilhada pelos “Antigos” acerca dos etíopes e do seu território que abrange os povos já citados e agora considerados etíopes. Além da divisão entre os situados antes e depois de Meroé, os aspectos que os caracterizam são

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

reforçados, acrescentando-se a informação sobre essa zona do vale do Nilo e a incapacidade - na visão de Estrabão - dos povos realizarem certas atividades.

Continuando a seção, ele faz uma comparação entre o passado e presente indicando o contexto antes e após a presença romana:

Ainda hoje todo o território se encontra em situação semelhante. Aqui está a prova: três coortes, mesmo incompletas, são suficientes para os romanos controlarem o território e, quando os etíopes ousaram lançar um ataque, colocaram em perigo seu próprio território. (17.1.53)

Há uma generalização na descrição histórico-geográfica dos eventos que revelam a atuação dos chefes na região ressaltando o caráter não nocivo de parte dos etíopes. Mas, na seção seguinte (17.1.54) é apresentado outro quadro, com o comentário do assalto etíope a Tebas, à referência à uma Candace e a presença de outra cidade: Pselquis. Aqui a belicosidade dos etíopes é ressaltada. Estrabão descreve a aparelhagem (grandes escudos oblongos feitos de couro de vaca não curtido, machados, lanças, espadas) e menciona mais duas cidades: Premnis e Napata. Por fim, recorda-se uma comitiva etíope que foi levada para Samos, uma ilha no mar Egeu, para deliberar com César, o que indica a interação no território em razão dos conflitos entre os grupos e a mobilidade desses sujeitos no Mediterrâneo.

No capítulo 2 Estrabão explica as características da região a partir das zonas climáticas, no caso, a zona tórrida, que resulta no fracasso, inferioridade, escassez, nomadismo, um modo de vida miserável e uma fauna pequena e feroz.

Por assim dizer, as margens do mundo habitado, que se encontram nas fronteiras da zona não temperada e não habitada por causa do calor ou do frio, estão necessariamente em estado de fracasso e inferioridade em relação à zona temperada, e isso fica evidente quando se olha para os estilos de vida e a escassez de recursos exigidos para o homem. Portanto, as pessoas levam uma vida miserável, a maioria anda nua e são nômades; o gado deles é pequeno, sejam ovelhas, cabras ou bois, até os cães são pequenos, mas ferozes e combativos. (17.2.1)

Essa última paisagem nas seções 2 e 3 (17.2.2; 17.2.3) é interessante porque Estrabão apresenta perspectivas sobre os etíopes que distam das generalizações feitas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

anteriormente. Destaca-se os aspectos socioeconômicos e lugares, com a citação dos víveres (milho, cevada, manteiga, grama, brotos, lótus, raízes de junco, carne, sangue, leite e queijo), dos recursos provenientes das minas de cobre, ferro, ouro e de pedras preciosas, da extração do sal e da existência de um flora constituída por palmeiras, perseia, ébano, alfarrobeiras. Apesar da escassez de árvores frutíferas, destaca-se a tamareira, cultivada nos jardins das residenciais reais.

A menção à residência nos indica a existência de palácios e da realeza estabelecida em Meroé, cujo rei é escolhido em razão de sua riqueza ou destreza nas atividades de guerra. A “ilha” homônima é montanhosa e arbustiva, possuindo várias cidades. No entanto, apesar da existência dessas e de moradias construídas de ripas de palmeira ou de tijolos, seus habitantes são tratados como nômades, caçadores de elefantes, leões e panteras, e agricultores. Após Meroé (17.2.3.) há o lago Psebo e uma ilha povoada e disputada por líbios e etíopes, o que, novamente, contradiz a ideia de incapacidade voltada para a guerra anunciada anteriormente. Mais uma vez, cita-se a indumentária: arcos de madeira e paus endurecidos no fogo. As mulheres teriam os lábios perfurados com um anel de latão e todos, quando não estão nus, vestem peles de animais ou uma espécie de veste feita pelo entrelaçamento de fios de cabelo.

Por fim, os etíopes próximos do vale do Nilo cultuam, além dos reis e dos benfeitores, um deus imortal e outro mortal. Em Meroé, a situação é interessante porque o geógrafo anuncia a existência do culto a um deus “bárbaro” – provavelmente, nativo - e o culto a três outras “divindades”, dois de origem grega (Hércules e Pã) e uma de origem egípcia (Ísis). Também são citadas práticas funerárias: o enterramento em caixões de terracota ao redor dos templos, a guarda do morto nas residências e o descarte do morto no rio, o que evidencia uma preocupação religiosa e um costume heterogêneo.

Considerações finais

Considerando que Estrabão, sujeito grego que circulou, experienciou e registrou um mundo não só marcado pela presença romana, apresenta em seu discurso uma série de construções espaciais a partir do seu percurso direto e indireto – a partir das obras

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

dos geógrafos, historiadores e das experiências diretas de sujeitos de poder – na *oikoumene*. Realizar uma abordagem ao texto a partir da paisagem seria ampliar a perspectiva e focar a atenção em como o autor, ao longo de seu percurso, vai fazendo e desfazendo espaços, sujeitos e articulando territórios. No caso esboçado, as paisagens etíopes apresentam mais elementos de natureza etnográfica. Compreende-se que apesar de mencionar o território Etiópia, várias populações nomeadas distintamente são alocadas entre os etíopes. Além disso, é preciso considerar as particularidades dos lugares e dos povos em relação à posição geográfica que ocupam dentro ou fora de zonas climáticas. A descrição da Etiópia resulta em uma “forma” complexa, com a generalização dos povos e o reforço ao aspecto nômade mesmo que contrastado com às cidades e práticas funerárias e religiosas.

Referências

ANDREOTTI, Gonzalo. La naturaliza histórica de la *Geografía* de Estrabón. *EVPHROSYNE*, 37, 2009, p. 131-144.

DUECK, Daniela. **Strabo of Amasia**. A Greek Man of Letters in Augustan Rome. London; New York: Routledge, 2000.

FAVERSANI, Fábio. Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira. **Mare Nostrum**, ano 2013, n. 4, p. 100-111.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INGOLD, Tim. The picture is not the terrain. Maps, paintings, and the dwelt-in world. **Archaeological Dialogues**, vol. 4, nº 1, Cambridge, Cambridge University Press, May, 1997, p. 29-31.

INGOLD, Tim. Culture, perception, and cognition. In: INGOLD, Tim. **The perception of Environment**. Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. London, New York: Routledge, 2000. p. 157-171.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LIDELL, Henry; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MASIP, Vicente. **Manual introdutório ao Grego clássico para falantes de português**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

ROSEMAN, Christina Horst. Reflections of philosophy: Strabo and geographical sources. In: DUECK, Daniele; LIDNSAY, Hugh; POTHECARY, Sarah (Ed.). **Strabo's Cultural Geography**. The Making of a Kolossourgia. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 27-41.

SILVA, Bruno. Introdução aos estudos sobre a *Geografia*, de Estrabão. **Mare Nostrum**, ano 2010, v. 1, p. 71-84.

STRABON. **Géographie**. Tome XV. Livre XVII. 2^a partie. L'Áfrique, de l'Atlantique au Golfe de Soloum. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

STRABON. **Géographie**. Tome XIV. Livre XVII. 1^a partie. L'Égypte et l'Éthiopie Nilotique. Paris: Les Belles Lettres, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. A perspectiva da Experiência. São Paulo: Difel, 1983.